

País Digital: Transnacionalismo e Comunidade Imaginada Basca

Raphael Tsavkko Garcia & Koldo Díaz Bizkarguenaga

Universidad de Deusto / Universidad del País Vasco

E-mail: tsavkko@gmail.com / k.diaz@ehuupv.es

Resumo

A diáspora basca é um tema que tem sido profundamente estudado, no entanto os efeitos das tecnologias da informação e comunicação (TIC) tem nos migrantes bascos um objeto de estudo ainda a ser explorado. Através de duas teses doutorais, este artigo analisa qualitativa e etnograficamente como os bascos constituem e mantêm uma identidade nacional fora do País Basco através de blogs e do Facebook, tanto em grupos formados por sua diáspora como em grupos não tão consolidados. A análise de blogs de-

monstra que a internet é uma ferramenta para construir a identidade basca e a análise do Facebook que é um espaço onde habitam os cidadãos. Portanto, se pode afirmar que os diferentes traços e construções identitárias das pessoas migrantes e das que residem no País Basco confluem no Hiperespaço. Isto leva a tensões identitárias ao opor diferentes construções da identidade nacional desde perspectivas sociais e históricas diversas.

Palavras-chave: internet; identidade; País Basco; país digital; comunidade imaginada.

Digital Country: Transnationalism and Basque imagined community

Abstract

Basque diaspora is a topic that has been thoroughly studied, however, the effects of information and communications technology (ITC) over the Basque migrants are an object of study still to be investigated. Through two Doctoral Thesis, this article discusses qualitative and ethnographically how Basque citizens build national identity outside the Basque Country through blogs and Facebook, both in Diaspora groups as in and not as consolidated groups.

The analysis of blogs shows that Internet is a tool to build and maintain Basque identity and while the Facebook one shows it is a space that citizens lives. Therefore, it can be said that different traits and different identity constructions of migrants and those living in the Basque Country meet in the Hyperspace. Which leads to identity tensions by opposing different constructions of national identity from different social and historical perspectives.

Keywords: internet; identity; Basque Country; digital country; imagined community.

Data de submissão: 2017-11-03. Data de aprovação: 2018-11-16.

A *Revista Estudos em Comunicação* é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *Comunicação, Filosofia e Humanidades (LabCom.IFP) UID/CCI/00661/2013*.



INTRODUÇÃO

DIÁSPORA é um conceito que pode ser definido como a "coletividade transnacional separada por e entrelaçada através das fronteiras de seus próprios ou outros estados-nação, mantendo instituições culturais e políticas"(Tötölyan, 1991, p. 5). Também como uma população dispersa de sua pátria, com memória coletiva e a idealização ou mesmo visão mítica (Safran, 1991) da pátria. Assim como possui uma forte consciência étnica em relação aos demais membros do grupo (Cohen, 1997) que formam, desta maneira, uma comunidade imaginada (Anderson, 2005) e que compreende uma exacerbação de traços (supostamente) comuns e ancestrais que se reforçam periodicamente (Billig, 1995; Renan, 2007).

A diáspora basca pode ser entendida como a comunidade de bascos étnicos nascidos ou descendentes dos nascidos no território histórico do País Basco ou Euskal Herria, que compreende um território agora dividido pelo Estado francês (País Basco do Norte ou Iparralde, parte do departamento de Pyrenees-Atlantiques) e pelo Estado espanhol (Hegoalde ou do País Basco Sul, que compreende a Comunidade Autônoma do País Basco e a Comunidade Foral de Navarra) e que migraram para outros lugares desde o século XV até ao presente.

É possível supor que a diáspora basca é uma comunidade (Angulo Morales, 2002) em constante construção e re-construção de identidades, uma “soma de geografias, idades, gerações e identidades individuais, os subprodutos de suas experiências vividas e tradições herdadas” (Oiarzabal, 2013, p. 21).

Estes bascos na diáspora junto aos bascos que permaneceram na pátria ou *homeland* formam uma nação, um grupo étnico-nacional (Connor, 1994), um grupo de pessoas que acreditam e sentem que estão relacionados desde a antiguidade, mantendo tradições e herança que transferem às gerações seguintes, compartilhando um sentimento de unidade (Smith, 1991), também com os bascos na *homeland*.

A identidade da diáspora basca é muito mais que uma mera reprodução da identidade pátria “original”, pois acrescentou elementos significativos do país anfitrião e abandonou traços que foram deixados na *homeland* (Oiarzabal, 2013): mantendo uma cultura de separação étnica para manter a uma pureza (Zulaika & Douglas, 1996) e uma "coerência imaginária" para um conjunto de identidades (Hall, Søvik, & Resende, 2003).

“Basque identities were shaped by Basques’ own experiences of migration and its complex interrelation with nation-state building processes taking place throughout the American continent. The ethnic politics of Basque identity construction spread throughout the American continent by the establishment of immigrant associations and the work of ethnic leaders in diaspora communities.”

(Oiarzabal & Molina, 2009, p. 701)

Esta comunidade imaginada (Anderson, 2005) basca ou comunidade transnacional imaginada (Appadurai, 1997) é composta por indivíduos que poderiam jamais conhecer uns aos outros, seja a partir de Bilbao ou de Buenos Aires ou a partir de São Francisco ou Reno, mas imaginam-se como membros do mesmo grupo étnico, compartilhando traços comuns, apesar das diferenças, e formando uma diáspora com uma identidade diaspórica etno-nacional (Toticaguena, 2004;

Oiarzabal, 2013; Connor, 1994) que sintetiza ou combina a identidade basca com a identidade o país anfitrião de uma forma transnacional (Vertovec, 1999).

Isto já dura há séculos e através de diferentes ondas de migração: uma identidade desterritorializada (Ortiz 1999, 2004; Haesbaert, 2002, 2004), muitas vezes fragmentada, mas que, com o aporte da internet permite que sejam re-territorializadas em um espaço ou *locus* virtual. Como Oiarzabal (2013) explica, "a auto-perpetuação da identidade basca na diáspora se baseia em grande parte no orgulho e afeto por alegadas características, tais como a unicidade ou singularidade dessa identidade"(p. 92).

Ou seja, a identidade diaspórica basca é uma (re)configuração tanto da pátria – "laços ancestrais, parentesco, a língua comum de comunicação, memórias históricas e imaginárias e crenças religiosas"(Gautam, 2013, p7.) – quanto da identidade do país de acolhimento, um amálgama entre as construções identitárias da *homeland* e do país adotivo. É a ideia de integração, mas não da perda da sua cultura, de ter consciências múltiplas ou transnacional (Sorensen, 1995). Os bascos (na diáspora) estão fisicamente conectados a seus países de acolhimento, no entanto, permanecem psicológica e emocionalmente ligado à *homeland*.

Partindo desta base teórica, em primeiro lugar se analisará a partir de um ponto de vista qualitativo o modo pelo qual grupos da diáspora constroem a ideia de identidade e de nação basca através de blogs. Isto permitirá compreender a Internet como uma ferramenta que traz os cidadãos bascos que vivem fora do país basco à sua "casa". Em segundo lugar, a etnografia digital realizada no Facebook com um grupo de jovens que vivem no exterior explicará como os cidadãos habitam a internet, entendendo esta ferramenta também como um espaço.

MÉTODOS

Ambas investigações se concentraram nos discursos e práticas online e offline de bascos que residem no exterior, nas formas pelas quais se apropriam de TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) no processo de (re)construção e manutenção da identidade nacional e memória de sua nação através e na internet, tanto através de práticas individuais quanto coletivas – entendendo o coletivo como a soma de diferentes individualidades (Baptista, 2002) e atitudes individuais. Por esta razão, a metodologia adotada foi a qualitativa com foco etnográfico, com imersão em comunidades ligadas à membros da diáspora basca, assim como entrevistas tanto online como offline.

Este artigo nasce de pesquisas anteriores sobre a questão da identidade nacional e blogs bascos e ainda sobre usos da internet no processo de manutenção desta identidade (basca), com apoio de entrevistas estruturadas tanto online com foco etnográfico sobre a manutenção da identidade basca através do Facebook, quanto off-line através de pesquisa de campo.

O estudo realizado sobre os blogs se baseou na observação de diversos blogs e seus respectivos *posts* desde indivíduos na diáspora e no próprio País Basco, e entrevistas com *bloggers* feitas durante pesquisa de campo para dissertação de mestrado em comunicação. Foi dada especial atenção a blogs ligados a questões políticas e históricas, de caráter nacionalista basco, de diferentes correntes ideológicas, tanto de indivíduos baseados no País Basco quanto na diáspora.

No trabalho de campo foi proposta a análise da questão da identidade através de blogs e redes sociais e sobre como os próprios *bloggers* viam sua atividade online em termos de promoção/manutenção de identidade em entrevistas com perguntas abertas e também foram realizadas entrevistas com políticos, ativistas e professores da/na diáspora sobre o papel da internet e das redes sociais para a comunicação entre diferentes grupos de caráter político e para a manutenção da identidade basca dos dois lados do Atlântico.

Foram buscados indivíduos ativos online, em redes sociais como Facebook e blogs, com atuação política reconhecida e com papel de liderança em organizações sociais que fazem a ponte entre o País Basco e a diáspora. Foram realizadas oito entrevistas em profundidade com estas pessoas: Sete homens e uma mulher de diferentes idades e condições sociais, em comum seu papel político dentro de organizações. Foram perguntadas questões relativas ao que pensam em relação à questão da identidade basca e a manutenção desta mesmo à distância (da *Homeland*) através da internet e qual seria para eles, a importância da internet para as atividades políticas ligadas à questão basca.

Foram analisadas, na pesquisa etnográfica, interações online entre participantes de um grupo do Facebook voltados à estudantes bascos do programa Erasmus, assim como foram realizadas entrevistas em profundidade com alguns dos membros mais ativos.

A internet, além de requerer novos conceitos que ajudem a explicar este espaço de estudo, permite e inclusive exige novas aproximações metodológicas. Para além da coleta de discursos, a internet permite a observação (não) participante de diferentes práticas sociais de uma comunidade. Por isto, a análise do Facebook foi realizada tendo por base a etnografia digital (Kozinets, 2010).

O trabalho de campo permitiu conhecer Nahia¹, uma jovem que desfrutava junto a outros quarenta jovens, de uma bolsa do Governo Basco para trabalhar em empresas parceiras em outras partes do mundo. Com a permissão dos membros, o grupo (que se denominará "Erasmus") foi analisado. Através de uma observação não participante que consistiu em entender o funcionamento de tal grupo e que durou cerca de um mês, foram criadas as bases para uma observação participante: O dia a dia dos participantes, que consistia em basicamente contar as sensações e vivências fora do País Basco, foi monitorado.

Depois de cerca de quatro meses, foram feitas entrevistas com os jovens mais ativos do grupo. Sete pessoas foram entrevistadas, todas com um mesmo protocolo e mesmo roteiro aberto: Depois de uma breve apresentação sobre o pesquisador e o projeto, em primeiro lugar era perguntado aos participantes sobre como viviam e entendiam a identidade *euskaldun* (basca) em geral e como se traduzia este sentimento em um país estrangeiro; Em segundo lugar, lhes era perguntado sobre o uso do Facebook para a construção de dita identidade e também sobre como as redes sociais os influenciavam; Em terceiro lugar, lhes era perguntado sobre o próprio grupo e suas relações, as quais permitiam abordar uma quarta e última questão, sobre o sentimento de identidade desde fora do País Basco na internet.

1. Todas as pessoas citadas deram permissão para o uso de seus nomes.

A INTERNET COMO FERRAMENTA: TRANSNACIONALISMO BASCO E BLOGS

Os blogs, como também as redes sociais online, são um campo propício para analisar o contato entre indivíduos de uma comunidade. No caso basco se pode observar um uso amplo e extenso destas plataformas online como forma de contato e de formação de vínculos (Tsavkko Garcia, 2012). Ao conectar-se/acessar a blogs, o indivíduo submerge em um ambiente carregado de símbolos que levam a uma inquietude e a uma busca por compreender o "entorno", um *locus* de convivência encontrado.

Desta busca pode nascer uma vinculação mais forte, de laços que acabam sendo formados entre este e outros indivíduos que compartilham os mesmos símbolos através dos blogs e comunidades online. Em outros casos é possível verificar que indivíduos que compartilham os mesmos símbolos, com diferentes intensidades, tendem a conectar-se, a criar links em ambientes virtuais com o "intuito" de compartilhar experiências e também de reforçar conexões (que passam também a agregar mitos baseado em histórias comuns, um passado comum, até mesmo a vontade de manter estes vínculos).

A blogosfera basca, por sua vez, forma uma singular rede com uma ampla conexão com a diáspora e com uma forte presença online. Gordo e Megías (2006) observaram que às relações face a face da juventude são adicionadas relações on-line, o que pressupõe uma certa alteração na lógica tradicional, pois amplia-se o alcance e fronteiras e barreiras de tempo e espaço são praticamente eliminadas.

Os blogs, sites pessoais e afins são apropriações individuais do ciberespaço (Recuero, 2009) que são construídas diariamente e representam elementos da identidade individual de cada um. Conforme Recuero (2009), esses espaços em redes sociais online e na blogosfera tem o papel de um espaço de conversação onde os indivíduos representam a si mesmos e formam redes com outros indivíduos que pensam de forma semelhante. Os blogs são uma re(a)apresentação online da comunidade imaginada (Anderson, 2005) na medida em que agregam diferentes individualidades – por exemplo o autor somado aos que comentam no blog ou mesmo na formação de webrings, ou coletivos de blogs –, neste caso basca, aproximando indivíduos de diferentes realidades com o objetivo de compartilhar histórias e experiências.

Por re(a)apresentação queremos dizer que tanto funciona como uma representação daquela comunidade imaginada offline, baseada na imprensa (Anderson, 2005; Levy, 2003b, 2009), no nacionalismo banal (Billig, 1995), quanto como um novo fenômeno marcado por características específicas interacionais que ocorrem no ambiente online. Um processo de retroalimentação pautado pelo compartilhamento e que reinventa a comunidade imaginada agregando elementos novos e únicos, abrindo espaço para a formação de um país virtual, que será melhor analisado adiante.

Tratamos aqui, como já explicitado, de entender a identidade nacional como um processo de construção coletiva baseada em diferentes individualidades que enxergam a si como parte deste coletivo maior, que enxergam e se identificam com determinados símbolos comuns (Billig, 1995), e que carregam consigo esta identidade à internet, a seus blogs e demais redes sociais em um processo fluido, líquido (Bauman, 2004) e dinâmico. Através dos blogs e redes sociais indivíduos que compartilham desta identidade nacional podem se encontrar, seja aqueles de cidades distantes

ou mesmo de países diferentes, em diáspora provisória ou definitiva, que através da internet podem compartilhar sua identidade.

Blogs são territórios simbólicos onde se negocia a identidade, se reproduzem mitos e símbolos e onde o indivíduo se re-territorializa (Monteiro, 2009). Em seus blogs, os indivíduos se identificam, postam páginas de interesse, põem suas informações, gostos e preferências e, em seus textos, identificam quem são (seu "eu"), formando redes com outros blogueiro/as e leitor/as. Ao apropriar-se da rede para expressar suas opiniões e sentimentos, se tornam atores sociais e são assim vistos por outros. A internet permite a aparição de novos atores e movimentos sociais (globais) e exacerba o sentido de pertencimento ao impulsionar a troca de conhecimento.

Enquanto fala-se da velocidade, inclusive da instantaneidade da internet (Virilio, 1997, 1999), os blogs servem como ambientes ou lugares para uma discussão sobre o passado, para uma reflexão mais ampla, como um repositório da memória coletiva (online e offline). Os blogs (re)criam virtualmente "espaços existenciais" (Elhajji, 2011), onde a comunidade pode reconhecer a si mesma e os indivíduos podem relacionar-se inclusive na ausência física do território. Através das redes sociais se pode atuar politicamente desde longe, manter contatos com bascos de diferentes partes do mundo, expressar solidariedade e inclusive estar de alguma forma próximo da cultura da *hometown*, como declararam os entrevistados nas pesquisas sobre blogs e identidade basca na seção anterior.

A fragmentação da identidade faz com que indivíduos vivam uma realidade diferente, sem barreiras espaciais, temporais ou geográficas (tão) significativas (Hall, 2001). E, ao mesmo tempo, estes indivíduos buscam outros com quem possam compartilhar interesses comuns, uma identidade mais próxima, uma maneira particular de relacionar-se socialmente. As redes sociais eliminam distâncias e criam um mundo virtual e real ao mesmo tempo (Levy, 2009); amplificam a realidade em um processo de simultaneidade e virtualização, onde se unem os espaços físico e digital, convertidos em um. Virilio (1997, 1999) considera que fatores como a imediatez, a instantaneidade e a interatividade reduzem as dimensões do mundo a quase nada.

De acordo com Tajfel (1981, 1982), a identidade de um indivíduo seria o resultado não (ou menos) de uma psicologia pessoal profunda que de mais uma percepção que os indivíduos têm de si mesmos em comparação ou oposição a outros. Um processo de construção de identidade mais enraizada nas relações sociais e não em conceitos puramente étnicos/históricos e que se baseia na distinção positiva de seu próprio grupo em relação aos outros, ou seja, na identificação (étnica) de um grupo é visto como prestigioso, com um status dentro de um grupo específico.

O processo de manutenção da identidade (étnica) e sua (re)produção e promoção, no entanto, é muito mais elaborado que uma linha reta. Trata-se de um processo genuinamente complexo de constante negociação consigo mesmo e com os outros, de descoberta, pertencimento (a um grupo ou vários) e (é) uma performance (Díaz Bizkarguenaga, 2015) – ou seja, o uso de roupas específicas, prática de danças ou esportes, a aprendizagem de uma língua, um comportamento particular e um conjunto de gostos e práticas. No caso da identidade de alguém na diáspora, há também a questão da assimilação, do desempenho de elementos culturais/étnicos enfraquecidos, enfraquecidos ou até mesmo desaparecidos (como a linguagem), e o equilíbrio da identidade étnica e cívica (também em relação à localização do[s] indivíduo[s]).

Graças à evolução das tecnologias da comunicação instantânea que tendem a nos levar a um mundo marcado pela velocidade, hoje se pode estar em vários lugares, presenciar diferentes experiências ao mesmo tempo e manter um contato com milhares de pessoas como se estivessem em casa. Lemos (2002) corrobora a opinião de Virilio sobre a imediatez e a instantaneidade ao afirmar que as novas tecnologias digitais nos permitem escapar do tempo linear e do espaço geográfico.

Redes se formam através dos links ou ligações (Estavriz, 2004, p. 81), da interação entre atores que formam laços sociais e vínculos. Esta interação não se baseia apenas em links, mas também em comentários em outros blogs (ou no próprio blog), por exemplo, em conversas que se derramam até comunidades no Facebook e afins.

Levy (2003a, 2003b) descreve a chegada da imprensa como base para a formação da nação pois, entre outros, marca o limite entre aqueles que podem entender o que estava impresso (língua) e o que se pode definir como "outros". Anderson (2005) está de acordo com Levy e outorga à imprensa o papel de formar a ideia de nação por aproximar os cidadãos, por criar uma ideia de "nós"(não só pela língua, mas por aproximar as histórias e as pessoas de um vasto território). Os vínculos criados pela língua e pelos signos descritos por ela, entre outras coisas geram um sentimento nacional, a ideia de uma comunidade imaginada (Anderson, 2005). E na internet esse sentimento de pertencimento pode ser ampliado.

Ainda que o sentimento de pertencimento a um grupo ou um coletivo se produza quando este se reconhece ou é reconhecido como uma comunidade, se entende que a internet promove um "tempo compartilhado": permite uma aproximação dos atos e atores que não tem porque necessariamente serem ligados por laços étnicos, culturais ou nacionais. Os ambientes cultivados nas redes sociais conectadas expressam a criação de vínculos entre indivíduos que nem sempre estão conectados a ou por um mesmo território.

INTERNET COMO ESPAÇO: O PAÍS DIGITAL

A pesquisa realizada demonstrara que a identidade basca se sente e é vivida de maneiras muito diferentes fora do País Basco. Ainda que no estrangeiro em alguns casos as referências identitárias se reforcem e em outros se diluam (Ward, 2008), em qualquer caso, todos os jovens que tomaram parte na pesquisa coincidem em sentir uma perspectiva mais madura sobre o que significa a identidade basca. O contexto joga um papel vital na construção da identidade. Um membro do grupo "Erasmus" explica que "eu me sinto basco, nunca digo 'espanhol'. Mas claro, às vezes estando aqui (fora do País Basco) tenho que dizer 'Spanish'"(Erasmus4, entrevista pessoal, 2012).

A (auto) identificação (Goffman, 1993, 2006) tem especial relevância já que mesmo que um indivíduo se sinta basco, haverá vezes em que se apresentará ou representará como espanhol ou hispânico diante da sociedade. O que leva alguém a se afirmar parte de uma identidade que não é a sua? A complexa realidade administrativa do País Basco.

Como explica uma jovem entrevistada, há vezes em que ao invés de dar uma explicação profunda e minuciosa da situação do País Basco, é preferível aparentar ter outra identidade nacional.

"No tengo ganas, no... ¡Si a cada persona le tengo que explicar de dónde soy! Hay gente que va a saco y con esas personas pierdes el tiempo (...) ¡Jo! Cuántas veces he dicho "¿Yo? De Islandia" ¡Mucho más fácil! "¿De dónde? Islandia ¿Ah? ¡Ah! ¡Ala toma!". (Risas) "¿Qué

sabes sobre Islandia? ¿No conoces ni el idioma, listo!” Es que ya estoy hasta la coronilla (...) Entonces dices “Soy de Islandia”. Así que mira, soy de Islandia y listo”. (Nahia, entrevista pessoal, 2011)

Até o momento, diferenciamos apenas dois planos: O do País Basco e o de fora do País Basco. No entanto, graças aos testemunhos dos jovens do grupo "Erasmus", podemos afirmar que esta segunda dimensão não é homogênea, já que dependendo do país de destino a construção da identidade basca que se faz por meio do Facebook varia. Em alguns países o uso do Facebook é ilegal ou seu acesso é dificultado, ao que se constata que a realidade institucional e administrativa do país de destino tem um papel vital para o processo de adaptação (Kim, 1997, 2001, 2006).

Através de diferentes elementos simbólicos, o Facebook se torna um espaço habitável, um espaço que supera os limites geográficos e onde o território é definido por limites culturais e simbólicos. O Facebook é mais que uma ferramenta pela qual jovens constroem a identidade basca: É também um espaço em que a cidadania basca habita. Um espaço que se situa entre o *local* e o *global* (Sassen, 2006, 2008).

Partindo dessa base, em que a internet conforma um hiperespaço (Gómez, 2002), onde os espaços online e offline convergem, a noção de um território não limitado apenas pela geografia se torna mais compreensível: A internet cria um terceiro espaço onde as relações (sociais e institucionais) face a face e as mediadas por um computador confluem e influem umas nas outras mutuamente. Esta ideia de um território onde os lugares geográficos e os espaços da internet convivem foi confirmada durante a pesquisa levada a cabo: Os jovens explicaram que o Facebook é, para eles, um espaço que para além de *aproximá-los ao*, também os fazia *sentir-se no País Basco*.

O uso constante do Facebook faz com que as experiências dentro e fora do País Basco sejam similares e que, portanto, a distância entre dois lugares geográficos não seja tão perceptível (Sander, 2014). Esta jovem do grupo "Erasmus" explica que “*Cuando volví a mi pueblo no parecía que había estado un año en China. No me parecía que había estado en China, era muy raro*” (Erasmus3, entrevista pessoal, 2012). O tempo e o espaço adquirem outra dimensão quando dentro e fora de um país se reproduz quase a mesma cotidianidade.

O *aqui* e o *lá*, o *dentro* e o *fora* não se diferenciam apenas por quilômetros, ou por relações sociais (Allen, 2011), mas se encontram na internet em um terceiro espaço ou território.

Este terceiro espaço, então, seria aquele de (re)produção de relações (sociais) em meio à tensões locais e globais, de convergência offline e online com fronteiras menos claras ou ao menos fluidas mediadas por um computador.

O próprio Castells (2012), ao analisar a importância das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas revoltas mundiais dos últimos anos, delimita um terceiro espaço onde online e offline coabitam. Não se trata de unicamente conceituar "a internet" como um terceiro espaço, mas sim entender este espaço como algo além de territorialidade ou virtualidade, mas ao mesmo tempo virtual e territorial, onde relações sociais são (re)produzidas em um processo de retroalimentação e de influências (de um em/a outro espaço). Não é apenas o online e o offline, o aqui e o lá, o dentro e o fora, mas uma mescla que vai além, conjugando os dois espaços e criando um terceiro dentro desta tensão, um ciberespaço.

Este terceiro espaço está em algum lugar entre a *homeland* e a diáspora, bem como pairando e interagindo ao mesmo tempo. A Internet pode ser entendida tanto como um lugar (virtual) que, segundo Ehrkamp (2005: 349), “está na interseção de diferentes espaços e momentos no tempo”, sendo mais do que “simplesmente um recipiente que serve de plataforma para o construção de posições e identidades de sujeitos; nem são lugares estáticos” (Ehrkamp, 2005: 349). Portanto, comunidades on-line como o Facebook podem ser entendidas como lugares comunitários que promovem e reforçam identidades que, no entanto, não são contidas ou restringidas pelos limites de tais comunidades. Em certo sentido, a internet é mais do que uma mera extensão ou apêndice de relações face a face, mas parte integrante do complicado e complexo processo de negociação de identidade e mobilização política, parte integrante da realidade.

O trabalho, agora é começar a traçar os limites territoriais deste terceiro espaço no caso da identidade nacional.

Tomemos como exemplo a ideia de "nação digital", onde as comunicações online e offline convergem. Seguindo esta linha de raciocínio, e tendo em conta o processo de construção de Estados baseado em nações, trabalharemos a ideia de *país digital*. Assim como os jovens que tomaram parte na pesquisa explicaram, mesmo estando em outros países, eles se sentiam ligados ao País Basco ou mesmo se sentiam, virtualmente, no País Basco, ao compartilhar diversas referências identitárias através do Facebook. Sem estar fisicamente no mesmo país ou lugar geográfico, os jovens do grupo "Erasmus" compartilhavam um mesmo espaço online. Por isso, na era da internet, é possível traçar os limites de um país tendo em mente três dimensões: O lugar geográfico do *mapa*, o espaço online da *nuvem* (na internet) e terceiro, o *território* que a convergência de ambos cria. Vale notar que por *território* não estamos falando em uma representação física, mas sim do ciberespaço, ou, no caso, de um espaço virtual de (re)produção de relações sociais.

Em primeiro lugar, o *mapa* faz referência à realidade administrativa (social, política, econômica ou cultural) de um país, o qual dentro de certos limites geográficos influi na construção da identidade nacional. Tal como explicado pelos próprios jovens, dependendo do lugar onde se conectem ao Facebook, a construção da identidade nacional varia. Por este motivo se estabelece o eixo *dentro* e *fora* do País Basco, sempre tendo em mente os "múltiplos estrangeiros". Em outras palavras, o estar no ou fora do País Basco influi na construção da identidade (nacional) e mesmo a maneira pela qual se conecta às redes sociais.

Em segundo lugar, a *nuvem* faz referência à construção online da identidade nacional e ao espaço não geográfico em que se dão estas relações. Este é um espaço que, mesmo condicionado por um lugar geográfico (já que dependendo do país em que se realiza a conexão, as relações neste espaço variam), suas fronteiras não são geográficas, mas simbólicas e culturais.

Portanto, a identidade nacional se constrói a partir de um lugar geográfico e em um espaço online: umas relações que se veem limitadas em um *mapa* e outras relações que se encontram na *nuvem*. E mais, ambas construções da identidade e ambas dimensões não se dão de maneira isolada, mas ao convergir, influem mutuamente umas nas outras. E é ao unir ambas realidades (a geográfico-administrativa e a simbólica-cultural) que emerge a ideia de um país digital: ao poder construir identidade nacional fora dos limites geográficos de um país, cabe pensar que este é um plano social e sociológico que se expande.

Se por um lado, como afirma Appadurai (1996), a mídia de massas contribui para a criação de uma "vizinhança virtual", a internet promove algo além, a ideia de uma comunidade imaginada virtual e, como apresentado, um país virtual, onde indivíduos (no caso analisado, bascos) de diferentes partes do globo mantêm contatos e trocas simbólicas em um ambiente virtual que se estende para além (ou sobre) fronteiras nacionais e "atravessa noções fixas de pertencimento" (Dwyer, 2000:475).

A lógica da fronteira passa da mera geografia ao plano simbólico e é por isso que passa a englobar ambas realidades. Para explicar a terceira dimensão é necessário a noção de *território* (Sassen, 2000, 2006, 2008). Para Haesbaert (2002), o território não é apenas algo físico, mas também compreende uma dimensão política e, acima de tudo, cultural. De acordo com Appadurai (1990) e Haesbaert (2004), toda desterritorialização cria novas formas de re-territorialização, e na internet vemos a manifestação desse fenômeno.

O local segue sendo um importante referencial nas negociações identitárias (Vertovec, 1999), no entanto a internet nos traz este novo elemento virtual, este espaço virtual onde ocorrem relações independentemente de um território físico (ainda que, obviamente, o referencial territorial guarde sua importância).

A internet, então, permite a identificação de um terceiro espaço, híbrido (Bhabha, 1994). É esta terceira dimensão, situada entre a nuvem e o mapa, onde ambas realidades habitam e se influenciam mutuamente.

O país digital, portanto, está conformado por um território no qual as influências geográficas do mapa e a construção online da identidade nacional convivem em uma constante negociação em relação à múltiplas sociedades e espaços que formam a noção de um pertencimento transnacional. Muito mais um espaço de sentimento e de relações sociais, o país digital localiza-se no ciberespaço, na junção de sentimentos e identidades construídas offline e reproduzidas online. Blogs, sites, mailing lists, grupos do Facebook, perfis pessoais em redes sociais diversas são o que constituem o país digital, espaços online de reprodução de relações sociais baseadas em construção identitária construída a partir de um lugar (ou lugares) geográfico(s).

A realidade administrativa de um país influi na construção online da identidade nacional, e o resultado dessa relação se configura em uma terceira dimensão que não é nem o lugar offline e nem o lugar online: A construção da identidade online e offline toma forma ou se constrói no país digital. Esta dimensão, portanto, pressupõe que o país, nos termos de seus limites territoriais, se expanda. Não abarca mais território físico do que os limites territoriais conformam, já que o *mapa* é limitado, mas desenha uma nova dimensão em conjunto com a internet.

Como Julen, um dos jovens entrevistados, explica: "*Yo estoy aquí y lo que estoy viviendo ahora está pasando aquí, entre Facebook y Australia*" (2012, entrevista pessoal), ou como afirma o jornalista e blogueiro Joxerra Bustillo: "*Las redes sociales han hecho posible que un ciudadano de Murcia, Badajoz, Sevilla, Madrid al que antes le resultaba complicado ubicar el País Vasco en un mapa de España, hoy día tenga a su total disposición todos los detalles sobre las características que conforman al pueblo vasco.*" (2011, entrevista pessoal).

Através do material coletado, foi possível observar o processo de construção desse país digital enquanto resultado de trocas simbólicas baseadas no compartilhamento em ambiente online –

ciberespaço – tendo o mapa, o espaço físico original (homeland) e o espaço físico da diáspora, como referencial primeiro.

Para o blogueiro basco NickNeuk, a internet e as comunidades online seria um espaço para defesa da comunidade (étnica) de ataques externos, reforçando laços internos de apoio e solidariedade:

Por un lado sirve para "mostrarse" ante el exterior de esa comunidad, para decir "estoy aquí, estamos aquí, somos", para defender su existencia y sus derechos como tal sociedad y comunidad, y por otro sirve internamente para crear lazos y complicidades internas o reforzarlas. Digamos que sirve a toda sociedad o comunidad de intereses. [...] Así pues toda herramienta de comunicación de opinión sirve para perfilar comunidades, modelarlas, cambiarlas, o incluso organizarlas. (NickNeuk, 2011, entrevista pessoal).

O blogueiro Alejandro “Kakapo” Martínez foi além, afirmando que:

“Internet y todas las herramientas disponibles en ella sin duda son de ayuda para mantener ese contacto y sentimiento de pertenecer a un pueblo. Sobre todo a través del idioma que es la clave desde el punto de vista cultural, ya que el político varía dentro de la misma sensibilidad nacionalista. Mas importante que la herramienta en si, es la inmediatez que facilitan estas herramientas para compartir ese sentimiento común que de otro modo no se podría compartir rápidamente. Es un modo más de compartir ese nexo de pueblo.” (2011, entrevista pessoal).

Ainda, Oiarzabal realizou uma série de entrevistas com webmasters ligados à diáspora institucional basca, responsáveis por websites de casas bascas e outras organizações similares e concluiu que:

There are two conflicting views of the internet's role in empowering identity maintenance in the diaspora. Of the webmasters, 7.4 percent believed that internet does not help to maintain Basque identity in the diaspora. Over 22 percent of the webmasters were sceptical about the internet's role in maintaining Basque identity in the diaspora because the internet is just a tool, a medium that cannot compete against offline cultural manifestations, such as dancing or singing. The webmasters understood the tangible elements of the Basque culture and face to face interaction to be prerequisites for identity formation and maintenance (2013: 72).

No fim, a maioria dos webmasters entrevistados concordou que a internet representou um papel importante para a manutenção da identidade basca na diáspora. A questão colocada, porém, é a da impossibilidade de quantificar adequadamente o peso da internet na modelagem, por assim dizer, de identidade em oposição ao processo de construção de identidade baseado em relações face a face. Parece mais frutífero lidar com relacionamentos face a face e relacionamentos online não em termos de oposição, mas como uma soma ou justaposição de diferentes aspectos da construção da identidade com base em um conjunto de diferentes tipos de vínculos ou relações e relacionamentos que, juntos, moldam as identidades em um processo de reprodução constante das relações sociais.

Através dos espaços que formam o país digital, bascos em diversas partes do mundo compartilha(va)m suas impressões, sentimentos, símbolos e reproduzem relações sociais no ciberespaço.

CONCLUSÃO

A internet, os blogs e redes sociais online pressupõem um novo espaço em que as sociedades se encontram (Tsavkko Garcia, 2012, 2014, 2015). Através das pesquisas e entrevistas realizadas ficou demonstrado que as distâncias geográficas diminuem ou mesmo são eliminadas na relação entre o País Basco e sua diáspora.

Ao falar dos membros de uma diáspora como a basca, é preciso ter em conta que existe um espaço onde os diferentes indivíduos podem se encontrar com o objetivo de manter sua identidade, de compartilhar um espaço em um processo instantâneo e livre; mediante o qual, chegam a um (maior) conhecimento sobre sua cultura e antepassados e podem submergir e se relacionar com as pessoas que vivem essa cultura.

Os indivíduos podem não conhecer o manter relações constantes com todos os demais membros de seu grupo ou de outros, mas imaginam-se parte de um mesmo coletivo que compartilha uma história, mitos e símbolos, e tem a capacidade de identificar também aqueles outros membros que fazem parte de seu grupo e os que não formam parte, ou seja, os forasteiros, os *outsiders* (Elias & Scotson, 2000).

Existe uma clara cibercultura, entendida como a ação social no ciberespaço, ou seja, há uma re-significação do ciberespaço, resultado da ação dos indivíduos que formam uma cibercultura específica, uma "comunidade de sentimento" (Appadurai, 1998:8). Os blogs (Tsavkko Garcia, 2014, 2015), o Facebook (Oiarzabal, 2013; Díaz, 2013), e outras ferramentas sociais na internet se somam a organizações offline, como as *Euskal Etxeak*, ou casas/clubes bascos (Tsavkko Garcia, 2014) em um processo de retroalimentação constante. Há um compartilhamento comunitário daquilo que acontece com membros desta comunidade e a internet, via blogs e comunidades, exacerba esta sensação, garantindo um imediatismo – compressão espaço-tempo – que a mídia tradicional falha em dar, permitindo também à própria comunidade ativamente influir em eventos que acontecem em locais distantes entre si – homeland e diáspora.

Uma das mudanças provocadas pela internet é no conceito de localização geográfica (Recuero, 2009:135-141), a expansão das interações sociais por novas vias leva a uma pulverização do conceito de espaço/tempo e a uma imediatez ou imediatismo que não se via antes. A ideia de "localização" geográfica na investigação de Díaz (2015a, 2015c) adquire uma importância vital ao ter constatado que a juventude constrói a identidade basca dependendo do lugar no qual se conecta. Ambas influências estruturais, as offline e online, criam uma terceira realidade: A dimensão do território de um país digital.

Pode-se concluir que com a emergência da internet, os lugares geográficos (como diáspora ou País Basco) convergem com os espaços online formando um território que denominamos "país digital".

REFERÊNCIAS

Allen, J. (2011). Topological Twists Power's Shifting Geographies. *Dialogues in Human Geography*, 1(3): 283-298.

- Anderson, B. (2005). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Editora 70.
- Angulo Morales, A. (2002). *Las migraciones vascas en perspectiva histórica (s. XVI-XX)*. Bilbao: EPV/EHU.
- Appadurai, A. (1999). Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In M. Featherstone (org.), *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*. London: Sage.
- Appadurai, A. (1996). *Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Appadurai, A. (1997). Soberania sem Territorialidade. *Revista Novos Estudos CEBRAP*, 49.
- Baptista, M. (2002). O Estudo de Identidades Individuais e Coletivas na Constituição da História da Psicologia. *Memorandum*, 2: 31-38.
- Bauman, Z. (2004). *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bhabha, H. (1995). *The Location of Culture*. London and New York: Routledge.
- Billig, M. (1995). *Banal Nationalism*. London: Sage Publications.
- Cohen, R. (1997). *Global Diasporas: an Introduction*. London: UCL Press and Seattle: University of Washington Press.
- Castells, M. (2012). *Networks of Outrage and Hope: Social Movements in the Internet Age*. Madrid: Alianza.
- Díaz, K. (2015a). FaceGUK: Euskal identitatearen eraikuntza soziala etnografia digitaletik aztertua. *Uztaro*, 92: 107-108.
- Díaz, K. (2015b). FaceGUK: la construcción social de la identidad vasca analizada desde la etnografía digital. *Athenea Digital. Revista De Pensamiento E Investigación Social*, 15(2): 275-288. DOI: 10.5565/rev/athenea.1623.
- Dwyer, C. (2000) Negotiating diasporic identities: young British South Asian Muslim women. *Women's Studies International Forum*, 23(4): 475-486.
- Elias, N. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elhajji, M. (2011). Migrações, TICs e comunidades transnacionais: o devir diaspórico na era global. Comunicação apresentada no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (*Intercom*).
- Estavriz, M. (2004). Linkania e Religare. In L. Leão (org.), *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume.
- Gautam, M. (2013). *Indian Diaspora: Ethnicity and Diasporic Identity*. Italia: European University Institute – Robert Schuman Centre for Advanced Studies.
- Goffman, E. (1993). *La presentación de la persona en su vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Goffman, E. (2006). *Frame analysis. Los marcos de la experiencia*. Madrid: CIS.

- Gómez, E. (2002). Espaço, Ciberespaço e Hiperespaço: Nuevas configurações para ler a Comunicação Mediada por Computadora. *Arquivo del Observatorio para la CiberSociedad*. Disponível em: www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=19, [consultado em 20/11/2015].
- Gordo, A. & Megías, I. (2006). *Jóvenes y cultura Messenger*. Madrid: INJUVE/FAD.
- Guibernau, M. (2009). *La identidad de las naciones*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Haesbaert, R. (2002). *Territórios alternativos*. Contexto.
- Haesbaert, R. (2004). *O Mito da Desterritorialização*. Bertrand Brasil.
- Hall, S. (2001). *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, S. & Sovik, L. (2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Brasília: DF Unesco UFMG.
- Kim, Y. (1997). Communication patterns of foreign immigrants in the process of acculturation. *Human Communication Research*, 4: 466-477, DOI: 10.1111/j.1468-2958.1977.tb00598.x.
- Kim, Y. (2001). *Becoming intercultural: An integrative theory of communication and cross-cultural adaptation*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kim, Y. (2006). From ethnic to interethnic: The case for identity adaptation and transformation. *Journal of Language and Social Psychology*, 25(3): 283-300. DOI: 10.1177/0261927X06289429.
- Kozinets, R. (2010). *Netnography*. London: SAGE.
- Lemos, A. (2002). *Cibercultura, Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- Levy, P. (2003a). *A Inteligência Coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola.
- Levy, P. (2003b). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Levy, P. (2009). *O que é o virtual?*. São Paulo: Editora 34.
- Monteiro, A. (2009). Identidades, memórias e perspectivas do movimento de educação escolar indígena. In M. Aguiar (org.), *Educação e Diversidade*. Recife: UFPE.
- Oiarzabal, P. (2013). *The Basque Diaspora Webscape: Identity, Nation and Homeland, 1990s-210s*. Reno: Center for Basque Studies.
- Oiarzabal, P. & Molina, F. (2009). Basque-Atlantic shores: ethnicity, the nation-state and the diaspora in Europe and America (1808-98). *Ethnic and Racial Studies*, 32(4).
- Ortiz, R. (1999). *Um outro Território. Ensaio sobre a Mundialização*. São Paulo: Olho D'Água.
- Ortiz, R. (2004). *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Renan, E. (2009). *¿Que és una Nación?*. Madrid: Sequitur.

- Safran, W. (1991). Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 1(1): 83-99.
- Sandel, T. (2014). “Oh, I’m Here!”: Social media’s impact on the cross-cultural adaptation of students studying abroad. *Journal of Intercultural Communication Research*, 43(1): 1-29. DOI: 10.1080/17475759.2013.865662.
- Sassen, S. (2000). Territory and Territoriality in the Global Economy. *International Sociology*, 15(2): 372-93. DOI: 10.1177/0268580900015002014.
- Sassen, S. (2006). *Territory, Authority, Rights: From Medieval to Global Assemblages*. Princeton and Oxford: Princeton University Press.
- Sassen, S. (2008). Neither Global nor National: Novel Assemblages of Territory, Authority, and Rights. *Ethics and Global Politics*, 1(1-2): 61-79. DOI: 0.3402/egp.v1i1.1814
- Sorensen, N. (1995). Roots, Routes, and Transnational Attractions: Dominican Migration, Gender, and Cultural Change. In F. Wilson & B. Frederiksen (eds.), *Ethnicity, Gender, and the Subversion of Nationalism*. London: Frank Cass.
- Smith, A. (1991). *National identity*. University of Nevada Press.
- Tajfel, H. (1981). *Human Groups and Social Categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tajfel, H. (1982). *Social Identity and Intergroup Relations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tötölyan, K. (1991). The Nation-State and Its Others: In Lieu of a Preface. *Diaspora*, 1(1): 1-3.
- Toticagüena, G. (2004). *Identity, Culture and Politics in the Basque Diaspora*. Reno: University of Nevada Press.
- Tsavkko Garcia, R. (2012). Vínculos comunicacionais e sentimento nacional:nação tradicional e internet. In J. Menezes & M. Cardoso (eds.), *Comunicação e cultura do ouvir*. São Paulo: Plêiade.
- Tsavkko Garcia, R. (2014). Communication linkages and national sentiment, from the traditional nation to the internet. *Estudos em Comunicação*, (18): 147-161.
- Tsavkko Garcia, R. (2015). Os blogs enquanto Espaços de (Re)territorialização de Identidades. *Glocalism*, (2). DOI: 10.12893/gjcp.2015.2.2.
- Vertovec, S. (1999). Conceiving and researching transnationalism. *Ethnic and racial studies*, 22(2).
- Virilio, P. (1997). *Velocidade e Política*. Ed. Estação Liberdade.
- Virilio, P. (1999). *A Bomba Informática*. Ed. Estação Liberdade.
- Ward, C. (2008). Thinking outside the Berry boxes: New perspectives on identity, acculturation and intercultural relations. *International journal of Intercultural Relations*, (32): 105-114. DOI: 10.1016/j.ijintrel.2007.11.002.